

Barbara Bretton

# FILHA DA MAGIA

Tradução  
Marta Mendonça

*Quinta Essência\**

# 1



## SUGAR MAPLE, VERMONT — STICKS & STRINGS

Sabem qual é a receita para a loucura? Pegamos numa cidade pitoresca da Nova Inglaterra com um segredo mágico, acrescentamos resmas de tricoteadeiras desvairadas numa missão da Elizabeth Zimmermann, adicionamos uma quantidade regular de viciadas em tricô atraídas pelo letreiro «30% desconto» afixado na montra da loja de artigos de tricô mais popular do nordeste, misturamos tudo com uma aprendiz de feiticeira com as hormonas aos saltos e, acreditem em mim, tudo pode acontecer.

Chamo-me Chloe Hobbs, sou a proprietária incrivelmente grávida da Sticks & Strings, e, só para que saibam, já me encontrava atolada em loucura e ainda faltavam cinco horas para fechar a loja. Estava a pé desde o raiar do dia, a reorganizar o *stock*, a arrumar as peças feitas de malha em exposição, a introduzir preços no computador e a tentar controlar magicamente os novelos espalhados pelo chão. Nos velhos tempos, antes de a magia e a gravidez terem tomado conta da minha vida, ansiava pelos saldos da Sexta-Feira Negra como um miúdo anseia pelo Natal. Apenas com um *Red Bull* e umas bolachas com pepitas de chocolate da *Chips Ahoy* no bucho, debati-me com novelos dispersos e com clientes tresloucadas vin-

das de todo o lado e, ainda assim, consegui manter os segredos de Sugar Maple guardados a sete chaves.

Quem havia de dizer que a gravidez e a magia resultariam numa combinação tão volátil? As minhas hormonas meio humanas estavam ao rubro e a minha magia de aprendiz de feiticeira não lhes ficava atrás. Chorei cristais durante um episódio de *Mad Men*. Os meus soluços produziram bolas de sabão. Tranquei inadvertidamente um grupo de duendes no congelador e depois tive de os aquecer num ninho feito de meias de lã desirmanadas. E houve aquela vez em que comecei a lançar feitiços a torto e a direito e mandei duas clientes de Idaho numa viagem alucinante até às Green Mountains, agarradas a uma dobadoura gigante. Nem imaginam a quantidade de favores que tive de pedir nessa noite para resolver a situação, mas a verdade é que as senhoras regressaram a Boise somente com uma ligeira dor de cabeça e dez quilos de caxemira 6-ply fiada.

O truque hoje era permanecer calma e contar com a ajuda da minha mestra de zen interior para conseguir aguentar o caos que são os saldos da Sexta-Feira Negra sem enviar mais clientes em excursões imprevistas.

Mas, após oito meses a «apagar fogos» de magia, sentia-me exausta e a vontade de me aninhar num cantinho qualquer, e passar pelas brasas, era francamente irresistível.

– Nem penses nisso – disse a minha amiga Lynette Pen-dragon, passando por mim com uma braçada de lã angorá, mesclada e fofinha, em tons pastel estilo ovos da Páscoa. – Descansas depois.

Lancei-lhe um olhar irritado.

– Pensava que eras um ser metamórfico, não uma leitora de mentes.

– Querida, sabes bem que a tua cara não engana. Estavas a olhar para aquele sofá da mesma maneira que olhaste para o Luke quando ele apareceu na vila pela primeira vez.

Luke era o homem responsável pelo bebé que uniria as nossas famílias no dia 1 de janeiro. Não só era o amor da minha vida como também era o chefe da polícia e o único residente completamente humano da vila, um facto que continuava a fazer alguns dos nossos habitantes locais espreitarem constantemente por cima do ombro.

Há mais de trezentos anos, a minha antepassada Aerynn liderara o êxodo das criaturas mágicas de Salem para Sugar Maple com o objetivo de escaparem à devastação por de mais humana causada pelos abomináveis Julgamentos das Bruxas. Antes de ter furado o véu, vários anos mais tarde, ela lançou um feitiço de proteção em torno da sua amada vila, protegendo-a de todas as maldades humanas enquanto um dos seus descendentes fosse vivo.

O ano passado, por esta altura, parecia que esse momento estava prestes a acontecer. Sem uma filha para dar continuidade à linhagem Hobbs, a coisa acabava em mim e o mesmo se podia dizer do nosso invulgar sistema de segurança. A verdadeira natureza de Sugar Maple ficaria exposta ao mundo inteiro e todos sabíamos que isso seria o nosso fim.

Eu explico: eu era uma amante de gatos meio humana e meio feiticeira alta, magra e solteira e não saía num segundo encontro desde os tempos de liceu. Dizer que a coisa estava negra é pouco.

Os habitantes de Sugar Maple lançaram um feitiço que atraiu todos os vampiros, lobisomens, *selkies* e *trolls* solteiros da nossa dimensão. Quem havia de dizer que existiam tantos Srs. Errados numa vila tão pequena? Quando as minhas amigas mais próximas começaram a insinuar que Dane, um malévolo elemento das Fadas, poderia ser a resposta às minhas preces, preparei-me para dar entrada num convento. Até Forbes, o Gigante da Montanha, me parecia ser uma melhor opção.

As tentativas delas para me atracarem a alguém (fosse ele quem fosse!) só me atiraram ainda mais para os braços das repo-

sições da série *America's Next Top Model* e para encontros embaraçosos com o vinho de pacote e os gelados *Cherry Garcia*, ao mesmo tempo que a vila mergulhava numa espiral vertiginosa rumo à desgraça.

Mas depois Luke apareceu na minha vida e, num instante, tudo mudou.

Eu amava Luke e ele também me amava. A magia que toda a minha vida eu desejara possuir crescia cada vez mais forte. A vila que eu amava encontrava-se novamente em paz e em franco desenvolvimento. O meu bebé mudou de posição dentro de mim e sorri. Tanto quanto me era possível vislumbrar, tínhamos um futuro risonho pela frente.

Porém, isso não significava que podia desleixar-me. Era fantástico poder fazer magia, mas às vezes era preciso um pouco de intervenção humana.

– Espera aí, Lynnie. – Estendi a mão e retirei uma pena, amarela e macia, do ombro dela. – É a quarta vez esta semana.

Lynette deixou escapar um suspiro:

– Agora já sabes porque nunca uso preto.

Embora ela se recusasse a admiti-lo, Lynette tinha uma certa dificuldade em fazer a transição. Era um ser metamórfico fantástico, mas não tinha jeito nenhum para regressar à sua forma natural. Se eu tivesse um dólar por cada vez que Lynette ia parar em cima do meu fogão, ou dentro do lava-louça, nas últimas fases da transição agora estaria a conduzir um *Rolls-Royce* novinho em folha em vez de um *Buick* do século passado. O marido dela, Cyrus, andava a tentar convencê-la de que ela precisava de usar óculos, mas Lynette recusava-se a admitir tal coisa. Eu estava convencida de que só quando esturricasse as penas da cauda na fogueira do Samhain<sup>1</sup> é que talvez esse ser metamórfico vaidoso se mentalizasse de que estava na altura de aceitar a meia-idade.

---

<sup>1</sup> O Samhain é um festival pagão, conhecido popularmente como *Halloween* ou Dia das Bruxas. (*N. da T.*)

Pelo menos, eu achava que ela estava a entrar na meia-idade. Em Sugar Maple, a idade era uma incógnita. Tínhamo-nos adaptado ao mundo dos humanos, mas continuávamos a não fazer parte dele. Os nossos relógios internos regiam-se por um calendário muito diferente. Em termos de anos humanos, um dos nossos alunos do pré-escolar podia ser elegível para a reforma.

O desgraçado do Luke continuava a ter algumas dificuldades com isso e eu também. Até recentemente eu havia envelhecido à escala humana, mas agora que as minhas capacidades de magia tinham finalmente começado a funcionar em pleno, a minha esperança média de vida era uma incógnita.

Lynette agradeceu-me e depois tornou a desaparecer na multidão de clientes. Ela e Cyrus eram os proprietários da Casa das Artes de Sugar Maple e estavam atualmente a ensaiar a sua produção anual de «Um Conto de Natal». O facto de ela ter abdicado de uma parte do seu fim de semana prolongado para me ajudar na Sticks & Strings era muito importante para mim.

Na verdade, muitos dos meus amigos locais haviam-se oferecido para me darem uma ajuda. Lilith, a bela *troll* norueguesa com um coração de ouro, ajudou-me a abrir a loja e depois saiu a correr para ir abrir a porta da biblioteca municipal. Paul e Verna Griggs, dois lobisomens casados há muitos anos, tinham mandado os seus filhos adolescentes e robustos na noite anterior para mudarem os caixotes do lixo das traseiras da loja e assim criarem mais espaço para estacionamento. Bettina, a filha casada do estalajadeiro Renate Weaver, encontrava-se enfiada num dos cantos da loja com a sua harpa maravilhosa, a tocar uma música tão bonita que parecia capaz de encantar o cartão de crédito da pessoa mais sovina. Até a vampira matriarca Midge Stallworth, que nunca mostrava o rosto roliço e rosado antes do lusco-fusco, prometera que apareceria às quatro e meia para me ajudar a fechar a loja.

Não eram a minha família de sangue, mas eram sem dúvida a minha família de eleição.

O meu devaneio sentimental foi interrompido por um grito agudo, seguido das palavras: «Ponha lá isso no lugar, se não...»

Se você for uma tricoteira, compreenderá por que motivo não esperei para descobrir o que a pessoa planeava fazer. Até uma crocheteira sabe que a fibra e o banho de sangue não combinam.

Uma fiandeira que reconheci de uma das aulas do verão passado estava toda altiva por causa de uma meada de Bluefaced Leicester, desgrenhada mas rica, que ainda faltava limpar ou cardar, já para não dizer etiquetar. Infelizmente, ela não estava num despique com outra fiandeira, mas num autêntico «mano a mano» com Elspeth, a nossa hóspede infernal. A mulher estava muito corada e alterada, com a lã imunda encostada ao peito farto, enquanto Elspeth lha tentava tirar.

Lembram-se do que Benjamin Franklin disse em relação aos hóspedes? «Os hóspedes, tal como o peixe, começam a feder ao fim de três dias.» Ele deve ter partilhado a casa com uma *troll* como Elspeth.

Elsbeth não cheirava realmente mal (embora Luke dissesse que ela cheirava a *waffles* ressequidos), mas ainda não estava na vila há um mês e a velha *troll* já conseguira alienar todos os habitantes e a maioria da minha clientela. Uma coisa era certa, se eu pudesse já a teria mandado embora de Sugar Maple, mas ela estava protegida por um feitiço extremamente poderoso que a tornava intocável. Quando o companheiro de Aerynn, Samuel, o patriarca do nosso clã, furara o véu, o seu último desejo fora que Elspeth me acompanhasse durante toda a gravidez, ou seja, os nove meses mais compridos da minha vida.

Como tal, Elspeth fazia praticamente o que lhe apetecia, sem pensar em mais ninguém. A educada Bettina ainda sugeriu que reuníssemos a nossa magia para emudecer Elspeth

durante um ou dois meses, mas Samuel, o meu antepassado e protetor dela, pelos vistos considerara a hipótese de combinarmos forças quando lançara o feitiço. A única coisa que podíamos fazer era colocarmos os *phones* e ouvirmos Led Zeppelin em altos berros para abafarmos as suas lamúrias intermináveis.

Agora imaginem o quanto Luke adorava partilhar a nossa casa com ela.

– Elspeth! – rosnei, qual *rottweiler*.

– Eu vi-a primeiro – anunciou Martha, a minha cliente, assim que me aproximei. – Esta... Esta sósia da Betty White apareceu vinda sabe-se lá de onde e tentou roubar-ma!

Agradei aos deuses o facto de Elspeth se ter lembrado de aparecer sob a sua forma humana, uma vez que a visão de uma *troll* com trezentos e muitos anos talvez não fosse muito favorável ao negócio.

– Largue isso, Elspeth – ordenei, tentando não deixar transparecer a irritação na minha voz. – A Martha é uma das minhas clientes favoritas.

Não que Elspeth se preocupasse muito com algo tão banal como um estabelecimento comercial, mas não custava tentar.

– Isto não estava à venda – respondeu Elspeth, espetando o queixo ossudo para a frente. – Ela abriu um daqueles armários e retirou-a de lá mesmo nas minhas barbas. – Apontou para o meu armário de artigos que não estavam para venda junto à sala de trabalho. – Vi-a com os meus próprios olhos.

– Essa agora... – replicou Martha. – Seja como for, não lhe dá o direito de me agredir.

Fantástico. Era só o que me faltava. Uma acusação de agressão física na minha loja.

Tinha de pensar rapidamente em algo. Lancei um olhar furioso a Elspeth capaz de deter um búfalo.

– Isso estava arrecadado por algum motivo, Martha – disse-lhe eu, passando a mão pela lã imunda e esboçando uma careta. – Não me diga que quer ter o trabalho de a lavar e cardar?

– Isto é Bluefaced Leicester – retorquiu ela. – Não é fácil encontrar BFL com esta gramagem.

– Tenho ali um bocado de BFL lavada e posta de parte. É trinta por cento mais grossa. – Fiz uma pausa para causar impacto. – E se eu lha vendesse pelo mesmo preço dessa suja?

Ela largou a lã com tanta rapidez que quase me ri.

– Negócio fechado.

Não fora propriamente o Acordo de Helsínquia, mas eu tinha aprendido a ficar satisfeita com as pequenas vitórias. Passei-lhe um talão e mandei Martha direitinha para a caixa registadora. Em seguida, atirei-me a Elspeth.

– O que está aqui a fazer?! – exigi saber. – Tinha dito que hoje ia dar um passeio interdimensional para visitar uns amigos. – Eu e Luke estávamos ansiosos para passarmos um dia inteiro sem a rabugice e os protestos dela.

– Não tens nada a ver com o que faço ou deixo de fazer, minha menina.

– Mentiu-nos! – Nem sei porque estava admirada. – Nunca fez tenção de ir a lado nenhum.

Ela ficou num silêncio agressivo, o que me fez saltar a tampa de vez.

– Eu disse-lhe para não pôr os pés na minha loja. Não tem nada que discutir com as minhas clientes. Não é propriamente bom para o negócio.

– Aquela não passa de uma ladra.

– A Martha não é ladra nenhuma. É apenas... uma entusiasta. – As amantes das fibras eram um grupo feroz e acreditavam que a aquisição era tudo.

– Ela meteu-se onde não era chamada.

Diz o roto ao nu... Eu não estava para me dar ao trabalho de lhe explicar a obsessão com a Sexta-Feira Negra. Seria o mesmo que explicar o DVR a uma tartaruga.

– Não pode estar aqui, Elspeth.

– Tu precisas que olhem por ti.

– Eu preciso que volte para casa e que pare de armar confusão com as minhas clientes.

– Tu não me dás ordens, minha menina. Eu fui enviada para cá para afastar as forças do Mal.

Eu ia lembrá-la de que não era grande fã dessa conversa sobre o Mal, mas, para minha surpresa, ela deu meia volta e derreteu-se.

Raios a partissem. Eu tinha avisado Elspeth em relação ao uso da magia em público, mas ela era muito esperta. Talvez devesse dar-me por satisfeita por ela não ter aparecido na loja sob a sua forma de *troll* de pelo amarelado e um metro de altura. É certo que o disfarce à Betty White era um pouco exagerado, mas felizmente ninguém parecera notar.

Arrumei a lã num sítio onde não pudesse ser encontrada por fiandeiras dedicadas à pilhagem e depois continuei a etiquetar o *stock* remanescente. *Penelope*, a gata da loja e espírito do clã Hobbs, ergueu o olhar para me fitar do seu local habitual em cima do meu cesto de lã em bruto que se autoabastecia. *Penny* estava comigo desde sempre e antes de mim estivera com a minha mãe e a minha avó, tendo acompanhado a linhagem até Aerynn, a mãe de todos nós.

– Está tudo sob controlo. – Debrucei-me o máximo que consegui e cocei-a atrás da orelha esquerda. – Podes continuar a dormir.

A Noro desapareceu num instante e a Malabrigo também. Ainda tínhamos uma caixa de Tilli Tomas, um pouco de Debbie Bliss e uma quantidade razoável de Cleckheaton e de Jamieson. Até a lã acrílica quebradiça que eu tinha recusado incluir na listagem da nossa página na Net voara das prateleiras como fugitivos de uma prisão de segurança máxima. Ou muito me enganava ou ficaríamos sem *stock* muito antes da hora de encerramento da loja.

Eu mal havia começado a etiquetar mais material quando Janice Meany apareceu ao meu lado. Eu e Janice sempre fôra-

mos próximas, mas depois da aventura em Salem, no verão anterior, a nossa relação tornara-se sagrada. Ela era proprietária do Cut & Curl, o salão de cabeleireiro e spa de serviço completo situado ao lado da biblioteca, e no seu tempo livre cuidava do marido e da família em crescimento.

– Não olhes agora – sussurrou-me ao ouvido –, mas estás a ser vigiada.

Resmunguei algo e coleí uma etiqueta nas minhas últimas meadas de Noro Silk Garden.

– Só se me pudessem tricotar, fiar ou feltrar é que alguém olhava para mim nesta loja. – A única coisa que andava a ser perseguida era a lendária Wollmeise que eu havia escondido no interior do frigorífico da loja, atrás das sandes de peru.

– Não, estou a falar a sério – disse Janice, posicionando o corpo de modo a ficar virada de costas para o centro da loja. – A tipa de cabelo grisalho que está parada ao lado das rodas de fiar Ashford. Está lá há mais de cinco minutos e juro que ainda não pestanejou uma única vez.

Coleí outra etiqueta numa meada brilhante de Disco Lights.

– As pessoas entram nas lojas de artigos de tricô e é como se entrassem noutra mundo. – Sorri para a minha amiga ruiva. – Estou convencida de que tem a ver com os vapores, mas não digas aos nossos tintureiros que fui eu que te disse isso.

Janice não se riu, o que despertou a minha atenção. As pessoas que dizem que as bruxas de décima geração não têm sentido de humor decerto não conhecem nenhuma das mulheres Meany. Além disso, eu sempre conseguira fazer a minha amiga rir.

– Muito bem – respondi-lhe, pousando o rolo de etiquetas autocolantes e dando-lhe toda a minha atenção. – Porque dizes que ela me está a vigiar?

– Porque está a olhar para ti como se fosses duzentos grammas de qiviut.

– Provavelmente, nunca viu ninguém assim tão grávida e está prestes a ligar para o Livro Guinness dos Recordes.

Eu não estava a brincar, parecia que tinha uma equipa de futebol dentro da barriga. Estava enorme. Luke achava que estava muito feminina, mas eu tinha a certeza quase absoluta de que se tratava de um eufemismo para gorda.

Não que me importasse. Adorava estar grávida. Está bem, talvez não me agradasse ter sabido da gravidez por uma *troll* mal-humorada que aparecera nas nossas vidas da mesma forma que a casa de Dorothy caíra em cima da Bruxa Má do Oeste, nem que os enjoos duravam o dia inteiro, mas a verdade era que adorava a ideia de que cada dia que passava me aproximava vinte e quatro horas mais do momento de conhecer a nossa filha.

E, há que ser sincera, as mamas maiores eram uma vantagem.

Janice, que tinha cinco filhos, não estava interessada nos meus devaneios sobre a maternidade.

– Vais achar que sou maluca – disse-me ela –, mas tenho a certeza de que já a vi antes.

– Provavelmente viste – repliquei. – A Sticks & Strings tem a clientela mais leal do nordeste. – Ia dizer «do mundo», mas mais valia guardar a hipérbole para a minha próxima mensagem por *e-mail*. Pensando melhor, quem precisava de hipérbolés quando as marcações para os *workshops* da loja eram feitas com um ano de antecedência e éramos conhecidos em toda a *Internet* como a loja onde a lã nunca se emaranhava, as mangas ficavam sempre do mesmo tamanho e jamais havia malhas soltas?

Janice abanou a cabeça.

– Não é uma cliente habitual. – Ela fez uma pausa, com as sobrancelhas franzidas. – Raios, mas onde é que já a vi...?

– Não faço a mínima ideia – respondi-lhe, encolhendo os ombros. – Estou grávida de oitocentos meses.

Contudo, Janice despertara a minha curiosidade, por isso olhei de relance na direção da mulher que ela avistara junto às Ashford. Devia medir cerca de um metro e sessenta e tinha uma estrutura óssea pequena, com uma quantidade razoável de gordura de amortecimento. Envergava um blusão sem mangas, roxo e brilhante, por cima do fato de *jogging*, azul-escuro muito elaborado, e calçava uns tamancos verde-escuros, que deixavam ver as suas meias amarelas com padrão de diamantes. O cabelo grisalho exibia um corte curto e formal. A única bijuteria era a aliança de casamento simples e os brincos de pérola.

Na verdade, uma mulher caucasiana de estatura baixa e cabelo grisalho numa loja de artigos de tricô no norte da Nova Inglaterra não era propriamente o avistamento de uma baleia azul em Snow Lake, mas eu tinha de concordar com a minha amiga.

– Tens razão – disse-lhe. – Ela parece-me realmente familiar.

– E não tira os olhos de cima de ti.

Ela estava certa, mais uma vez.

A mulher acenou com a cabeça e sorriu-me. Acenei e sorri-lhe também ao mesmo tempo que sentia um arrepio de preocupação entre as omoplatas.

– Salem – afirmou Janice. – Foi lá que a vi.

O arrepio de preocupação estendeu-se a toda a espinha.

– Quem me dera que não tivesses dito isso. – A nossa viagem a Salem testara todos os nossos limites e eu jamais queria passar por isso outra vez. Dei voltas à cabeça para tentar localizar a mulher no espaço e no tempo. – É capaz de ser a rececionista do motel...

Janice abanou a cabeça:

– O Luke é que fez o *check in*. Nós ficámos no carro.

Do outro lado da divisão, a mulher de cabelo grisalho abriu ainda mais o sorriso e começou a avançar por entre a multidão de viciadas em lã, na minha direção.

– Ora bolas – exclamei. – Ela está a vir para aqui.

O lado mágico do meu ADN não tinha medo de nada, mas o lado humano gritava para eu me pirar dali para fora. A adrenalina conseguia ser tão poderosa como um valente feitiço.

– Toma conta da loja – pedi a Janice enquanto tentava levantar o traseiro atualmente enorme do banco onde estava encavalitada. Avizinhavam-se sarilhos. O melhor era fugir dali.

Infelizmente era tarde de mais.

– Chloe? – A mulher fitava-me com uma expressão idêntica à minha gata quando eu ia buscar a lata de *Fancy Feast*. – É a Chloe, não é? O Luke disse-me que tinha uma loja de artigos para tricô, portanto, espero que... – Ela parou de falar assim que desviou o olhar do meu rosto e viu a barriga colossal que nenhuma bancada de trabalho industrial podia dissimular.

– Oh! – Era incrível a quantidade de emoção que se conseguia conferir a uma palavra tão pequena.

Por um escasso segundo coloquei a hipótese de sacar da magia e limpar-lhe toda a memória em relação a mim, mas com a loja tão cheia de gente isso seria um erro. Ainda andava a apalpar terreno no que dizia respeito a feitiços e poções e, embora me tivesse transformado numa excelente feiticeira, ainda tinha muito que aprender. Um pequeno deslize e podia transformar a loja inteira num clã de colchoeiras alérgicas à lã.

– Oito meses e meio – repliquei antes de ela ter tempo para me perguntar. – E não, não vou ter gémeos. – Fiz uma pausa por uns instantes, mas ela continuava vidrada na minha barriga. Era como se eu tivesse um plasma amarrado à pança. – E você é...?

Ela desviou o olhar e fez um esforço para se concentrar.

– Sou a Fran. – Proferiu as palavras como se fizessem sentido para mim, mas eu estava longe de saber. – Fran Kelly. Conhecemo-nos em abril, quando você e o Luke estiveram em